

EM TEMPOS DE RETROCESSO É PRECISO AVALIAR: COMO ANDA O MOVIMENTO E O PROTAGONISMO DOS PESCADORES E PESCADORAS?

Gislane Damasceno Furtado ¹

RESUMO

Este texto busca refletir questões relacionadas ao Encontro intitulado “Pescador Artesanal: caminhos, conquistas, direitos e desafios”, ocorrido em agosto de 2019, no seminário São Vicente de Paulo em Cametá/pa. O evento reuniu pescadores e pescadoras de todo o município a fim de discutir os avanços e retrocessos que se materializam na vida dos trabalhadores e trabalhadoras da pesca em tempos tão difíceis quando se fala na ameaça aos direitos que já haviam sido conquistados. Focamo-nos especialmente em uma das mesas temáticas que contou com a presença de representação da Igreja católica, pelo importante papel que teve na organização e protagonismo dos pescadores na entidade representativa de classe, a Colônia Z-16, e também da Universidade Federal do Pará, na presença de pesquisador da área da pesca que compartilhou resultados de Tese. Os diálogos que ocorreram durante o desenvolvimento da temática, assim como a observação participante permitiram chegar aos seguintes resultados: O auge de protagonismo dos pescadores a partir década de 1960 enfatiza o papel de mediadora da Igreja Católica na região do Baixo Tocantins na luta pela conquista de direitos que hoje encontram-se ameaçados, assim como, o fato dos movimentos sociais inclusive de pescadores, tendo foco a Colônia Z-16, que mesmo com o aumento de associados, reduziu sua capacidade de formação de lideranças e conseqüentemente de formação política e consciência coletiva e a necessidade de repensar as estratégias de mobilização em contexto de outras demandas e problemáticas.

Palavras-chave: Tempo de retrocesso, Movimento social, Protagonismo dos pescadores e Pescadoras.

INTRODUÇÃO

Este texto sistematiza elementos abordados em evento de pescadores e pescadoras de Cametá ocorrido no mês de agosto de 2019, durante três dias em que se buscou discutir as principais demandas destes trabalhadores diante de um cenário tão contraditório quando se trata da afirmação e garantia de direitos.

Buscamos reunir elementos que pudessem esclarecer a fragilidade dos movimentos sociais neste outro cenário a nível nacional que enquanto representação mais aflorada do capital institui barreiras para o acesso aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras da pesca. Para tanto nos voltamos para a mesa temática

Neste sentido, as discussões se desenvolvem tendo como elementos de análise a *redução da capacidade de formação de lideranças, a formação política, e a consciência coletiva.*

¹ Metra em educação e Cultura, PPGEDUC, UFPA, Professora da Faculdade de Educação, Campus Tocantins Cametá –pa, membro do grupo Geppat grupo de estudo e pesquisa sobre pesca e pescadores na Amazônia Tocantina. gisdamasceno@hotmail.com;

Nossas análises destacam a mesa temática: *Fortalecimento organizacional, movimentos e participação* por representar e mesmo traduzir a busca por uma outra postura retomando as memórias das lutas que fortaleceram o movimento dos trabalhadores e trabalhadoras da pesca, a fim de reconhecer como se desenvolveu seu protagonismo. Nesta mesa, estiveram dialogando o professor doutor José Domingos Fernandes Barra² e o Bispo da Prelazia de Cametá Dom Altevir³ que apresentaram em suas falas os elementos subsidiadores deste artigo.

A metodologia utilizada foi a observação participante no evento, gravação e tradução das palestras, bem como análise de imagens.

Autores como Freire (1983) Gohn (2011), Gohn (2014) ajudaram a pensar sobre elementos relacionados aos movimentos sociais que se revelaram nos diálogos do encontro dos pescadores.

O texto está organizado em única sessão sendo que permanecemos com o título utilizado para nortear as discussões da mesa. A divisão em subtópicos está relacionada aos elementos das discussões apresentadas pela mesa.

1- FORTALECIMENTO ORGANIZACIONAL, MOVIMENTOS E PARTICIPAÇÃO.

Nesta sessão, os principais elementos evidenciados são: a trajetória da organização dos pescadores artesanais, destacando as mobilizações a partir da década de 60 pelos significativos resultados alcançados no fortalecimento do protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras da pesca e sua participação em vários movimentos, bem como a atual conjuntura da organização dos pescadores e pescadoras.

1.1-Retrato histórico da luta dos pescadores e pescadoras

De acordo com os estudos de Barra (2019) na década de 1960 e 1970 com a enfervescência dos movimentos sociais e o posicionamento da igreja católica a partir da teologia da libertação⁴ se inicia na prática a busca pelo protagonismo dos trabalhadores da pesca. E no baixo Tocantins, especificamente no município de Cametá, isto ocorre sob a liderança de Dom José Elias⁵ na luta em favor dos pobres, e, portanto, sendo necessário se pensar em três ações: a primeira era organizar as comunidades eclesiais de base (CEBS), hoje

² Doutor em Educação, PPGED-UFPA, professor da Faculdade de Educação- FAED, campus Universitário do Tocantins e coordenador do Grupo de Pesquisa e pesca na Amazônia Tocantina GEPPAT.

³ Bispo atual da Diocese de Cametá.

⁴ Referência ideológica e de pensamento em que a igreja fazia a defesa dos pobres

⁵ Bispo mediador das formações políticas nos movimento sociais no Baixo Tocantins no início da década de 1960

substituídas pelas CCs (Comunidades Cristãs) conceito importante que caracteriza o movimento coletivo em substituição a identificação a partir de localidade em um contexto mais individual. A partir desta organização se seguia o objetivo da formação de lideranças e posteriormente assumir o protagonismo nas entidades representativas de classe que se encontrava sob tutela do estado.

Ainda segundo com Barra (2019), estratégias para a mobilização e constituição de pertencimento dos pescadores se deram a partir dos chamados informativos⁶, que eram jornaizinhos que denunciavam a opressão que os pescadores sofriam, abuso de representantes da federação dos pescadores e deixavam o povo “esclarecido” sobre o que acontecia contribuindo para a formação política em contraposição as ideologias das elites que existiam no baixo Tocantins. Estes informativos compunham-se de músicas como: “brega ecológico”, em que se destacavam os problemas ambientais ocasionados, por exemplo, pelos impactos da hidrelétrica de Tucuruí. Eram importantes por chamarem para a luta, para o envolvimento. Nestes informativos também se destaca a formação da Comissão Pastoral dos Pescadores (CPP) enquanto organização desta classe trabalhadora.

Após quase 30 anos de luta é na década de 1990, que se forma a primeira junta governativa da Colônia Z-16 representada pelos pescadores Zé Fernandes, Ney Lobato e Juvenal Viana Teles em um contexto de intimidação inclusive por meio de força policial, assim como de ameaças de sanções da federação⁷.

Outros movimentos se somaram a luta dos pescadores como o “Grito do Campo, Grito da Amazônia, Grito da Terra Brasil”⁸, foram momentos que suscitaram debates. A institucionalização de movimentos como o MOPEPA⁹, o MONAP¹⁰ também foram essenciais para a formação política e organização dos pescadores ampliando as discussões e mobilização e consequentemente na conquista de direitos destes trabalhadores.

O protagonismo que emerge por todo o conjunto de mobilização e de formação política que se constrói, modifica a figura do sujeito pescador daquele desprovido de saber¹¹, e da marginalização do cenário político, assumindo a participação e reconhecendo a necessidade do embate em defesa da vida e do trabalho do pescador.

⁶ Tais jornaizinhos podem ser encontrados nos arquivos da Prezalia de Cameté-Pa.

⁷ A Federação dos Pescadores

⁸ Estes movimentos foram importantes para a afirmação dos pescadores tanto a nível estadual quanto nacional.

⁹ Movimento dos pescadores do Pará

¹⁰ Movimento Nacional do Pescadores.

¹¹ Sobre tal perspectiva ver Veríssimo, em Pesca na Amazônia (1970)

Neste sentido, a Colônia passa a mediar um novo tipo de formação proporcionando aos pescadores e seus filhos a possibilidade de inclusão em outros espaços, inclusive, em Universidades. Projetos como: rede de conhecimento, pescando o saber, cordenação de base¹².

Todo o contexto apresentado foi essencial para as transformações que ocorreram no modo de existência dos pescadores e pescadoras. Entretanto, Barra defende o argumento de que não podemos negar que as contradições existentes nestas transformações inclusive do mundo do trabalho, assim como, proporcionaram melhorias em seu modo de existência também fizeram surgir novas problemáticas. A aquisição de bens materiais como eletrodomésticos e rabetas¹³, motores e das novas estruturas das casas e da chegada da energia elétrica trouxeram vulnerabilidade as famílias de pescadores e pescadoras que em muitos casos sofrem com assaltos violentos¹⁴ por estarem distantes do aparato policial que possam protegê-los.

A chegada do “desenvolvimento” também interfere na procriação e no afastamento dos cardumes, pois se por um lado, por exemplo, as rabetas ajudam no rápido deslocamento das pessoas, por outro, o som dos motores assusta os peixes, espalha óleo e ajuda no assoreamento dos rios. Para conseguir tais modificações de vida há uma constante vigilância para que as políticas de financiamento possam chegar aos trabalhadores da pesca, por isso a necessidade de fortalecimento das organizações.

Portanto, a organização dos pescadores e pescadoras se mantém atenta as ameaças aos direitos destes trabalhadores e trabalhadores, mas que precisa fortalecer a participação de seus associados desta forma reinventando suas mobilizações diante dos cenários que se controem pelas lutas ideológicas entranhadas pelo poder que marginalizam, excluem e oprimem os trabalhadores. Por outro lado, nas contradições também são encontrados sinais de resistência como veremos na próxima discussão. Precisando de uma reorientação da ação coletiva.

1.2- Sinais visíveis de esperança, tempo de Lutar de semear e não de colher.

A fala de Dom Altvir, nos revelou como estratégias elaboradas no enfevercer dos movimentos sociais a partir da década de 1960 não podem ser descartadas e continuam sendo relevantes quando se trata de organização social. Sobre tal afirmação, podemos analisá-la através da seguinte abordagem levantada por Gohn (2013, p. 310) “*em que se recuperam os termos do debate dos anos de 1990. [...] O que muitas dessas análises não têm considerado é*

¹² Estas coordenações funcionavam sob a denominação de capatazia, em que existia uma vigilância ameaçadora e punitiva. Hoje tanto a expressão quanto a ações do capataz foram substituídas pela de coordenador de base.

¹³ Tipo de embarcação

¹⁴ Este problema também foi tratado durante o encontro com mesa temática com representação da polícia militar.

a questão das classes sociais, pois elas filiam-se a modelos pós-modernos de explicação da realidade social, e desconsideram as explicações estruturais mais amplas”.

Neste sentido, ao se tecer os elementos necessários a tal organização questões como participação, formação política, consciência coletiva, formação de liderança são fundamentais para que os trabalhadores, neste caso, os da pesca se constituam como protagonistas nos movimentos. Os pescadores e pescadoras ao participarem de momentos de formação cria-se um momento de escuta, de diálogo (ver figura 1 e 2), pois como nos afirma Freire (2011, p.72)

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua liberdade, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.

A discussão apontada por Freire, nos leva à formação política também ressaltada por Dom Altevir e consequentemente se revela na formação de lideranças em seu sentido coletivo em que todos participam e todos são agentes e atuantes. Mas não é só isso, se por um lado a institucionalização dos movimentos sociais é importante como efetivação de direitos, por outro, encontra amarras (impostas pelo Estado) que ainda perpetuam a conscientização e a liberdade como comportamentos do medo, um perigo tanto para “ordem social” quanto para vida dos sujeitos atuantes nos movimentos.

Figura 1 e 2- Momento de interação e os palestrantes da mesa temática destacada no artigo



Fonte: Gislane Damasceno, 2019.

Para Dom Altevir (2019), a valorização da *escuta* precisa ser contínua, e cultivada, pois, *“Há necessidade da escuta, pois escutar é movimento, não é escuta pacífica”*. E a relação da igreja com os movimentos dos trabalhadores precisa continuar, pois existem sinais visíveis de esperança. Metaforicamente há um grito de sufoco diante do momento que estamos vivendo que exige tomada de consciência, de decisão, marcado pela consciência política, pelo profetismo pela consciência do evangelho de Jesus Cristo, isso significa andar

contra a correnteza, na contra mão da sociedade, o que exige coragem, gera medo e por isso ter clareza, ter consciência de onde queremos ir.

Falar em movimento social ressaltado por Dom Altvir é falar da organização da sociedade civil as várias maneiras como se organiza, são ações coletivas e não individual, com objetivo de alcançar mudanças sociais através de um determinado grupo como é o caso dos pescadores da Colônia Z-16. Repensar o que querem e pra onde querem ir. Esta fala apresentada por Dom Altvir nos remete as discussões traçadas por Gohn (2014) sobre os novos movimentos sociais em que o político é uma dimensão presente em toda prática social e não um espaço específico, revelando ainda uma multiplicidade de se vivenciar uma mesma condição de classe, de produção e de existência.

O movimento ou organização social é característica de uma sociedade plural, de uma sociedade democrática, onde trabalhadores e trabalhadoras tenham seus direitos garantidos por lei, em que valoriza a dimensão da garantia de direitos, uma discussão traçada durante a década de 1990. Algo que no momento atual brasileiro, do pouco que estava sendo garantido encontra-se ameaçado. Mas nem tudo está perdido por isso a importância da mobilização, analisar, ter consciência, e partir em busca de caminhos novos. De acordo com Gohn (2013,305)

Existe também um reconhecimento de que eles detêm um saber, decorrentes de suas práticas cotidianas, passíveis de serem apropriados e transformados em força produtiva. Quando se examina, por exemplo, a questão indígena, ressalta-se o saber que eles detêm sobre a floresta. Em resumo, os movimentos são elementos fundamentais na sociedade moderna, agentes construtores de uma nova ordem social. E não são agentes de perturbação da ordem, como as antigas análises conservadoras escritas nos manuais ensinavam; ou como ainda são tratados por políticos tradicionais e conservadores.

Um desses movimentos da igreja tem sido o sínodo¹⁵ da Amazônia que vai trazer uma colaboração por isso há necessidade que os outros movimentos sociais estejam abertos a colaborar e a pensar e principalmente a serem escutados, uma esculta da amazônia de dentro para fora e não ao contrário, que pense tanto as questões ambientais e todos os seres, mas o ser humano que vive nela.

Nas considerações finais de Dom Altvir afirmou que “tempo de crise é tempo de semear e não de colher”. A pedra que está sendo colocada sobre os nossos sonhos não irá perdurar por muito tempo, pois podem nos roubar até os direitos garantidos, mas ninguém pode nos roubar a esperança de um povo que se organiza... sem a organização os primeiros

¹⁵ Perguntas que foram distribuídas entre os movimentos e povos tradicionais sobre as necessidades existentes da nossa realidade, após sistematizadas entre os bispos da Amazônia haverá uma resposta que são propostas frutos do anseio do povo da Amazônia.

furtadores são aqueles que não se deixam organizar. Então, é preciso que se tenha abertura através do sínodo proposto pela igreja.

Quando se trata de movimentos sociais é uma luta pela coletividade, de despertar a confiança das pessoas. Criar associações, cooperativas não é difícil, o difícil é gerar confianças das pessoas nas pessoas e isso se dá a partir do cumprimento das metas, dos objetivos que precisam estar claros ao serem vivenciados e exigidos.

Para Dom Altvir existia uma causa que nos movimentava. Chamou a atenção para o sistema econômico que nos obriga a pensar a partir do individualismo, um capitalismo que busca o lucro acima de qualquer coisa. Do ser humano, do meio ambiente, de tudo. Entretanto, Para Gohn (2013, p.305)

A presença dos movimentos sociais é uma constante na história política do país, mas ela é cheia de ciclos, com fluxos ascendentes e refluxos (alguns estratégicos, de resistência ou rearticulação face a nova conjuntura e as novas forças sociopolíticas em ação). O importante a destacar é esse campo de força sociopolítico e o reconhecimento de que suas ações impulsionam mudanças sociais diversas.

Os grupos dentro dos movimentos sociais estão sempre em busca de uma representação política, se reinventando. No contexto atual ainda tem muito a se discutir, a se pensar no interior da própria organização denunciando as formas de exclusão social, de desvalorização da vida, o trabalho invisível realizado pelas mulheres. Precisam ser vistas denunciadas e politicamente precisamos mudar estas questões. Movimento social aliado ao Estado precisa ser questionado, pois como em caso de negação de direitos haverá manifestação? Isso compromete o movimento, as passeatas, as greves, as marchas e outros tipos de manifestação. Sempre há necessidade de formação de lideranças, formação não é estática, as mudanças estão acontecendo é preciso atualização urgente. A formação de pessoas que abraça a causa a ser defendida pelos movimentos sociais.

Portanto, o enfraquecimento dos movimentos sociais, precisa ser repensado, assim como, a sensibilização se faz necessária para impulsionar os movimentos.

O papel do movimento social é de retomada o grupo apresenta a demanda que determina a classe social, quando bem articulado é capaz de alterar a estrutura do sistema e do poder estatal e por isso as relações dos movimentos sociais e seus líderes são sempre conflituosas, não interessa pensar que iremos trabalhar pacificamente nos dias de hoje.

E o último ponto trazido para debate suscitou a necessidade de organização, de formação em todos os sentidos, a fidelidade ao objetivo do movimento social, a defesa de suas causas, a necessidade de um denominador comum que possa unir as pessoas para uma causa maior. E essa causa maior já está em evidência e atingirá especialmente e primeiramente os

pescadores e pescadoras que está relacionada à hidrovia em nossa bacia tocantina, com a morte e assoreamento dos rios, do aumento da navegação que causará a morte dos peixes pelo barulho. Ficando claro que mais uma vez unir forças continua sendo uma estratégia. De acordo com Dom Altevir “ou nos unimos para vencer ou nos separamos para morrer”. E encerra também dizendo: “Nesse tempo de crise não é tempo de colheita... é tempo de semear é sair de dentro das quatro paredes, das salas e partir ao encontro das pessoas semeando esperança e sonhos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões apresentadas durante a mesa temática ajudaram a refletir sobre o protagonismo de pescadores e pescadoras na organização a que estão associados. A Colônia Z-16, enquanto organizadora de tal discussão, possibilitou uma avaliação do trabalho que vem desenvolvendo, mas também proporcionou momentos de reflexão de categorias que estavam esquecidas. Nesse sentido, a questão da institucionalização revela as amarras que são feitas pelo Estado e que imobilizam os trabalhadores da pesca enfraquecendo e fragilizando o movimento.

Os colaboradores da discussão ao apresentarem o contexto das lutas dos pescadores e pescadoras trazem a partir da memória elementos que se ocultaram com a institucionalização dos movimentos bem como da garantia de direitos, não que isso não seja importante, mas dentro do próprio movimento dos pescadores novas reflexões sobre as problemáticas destes trabalhadores tornaram-se mínimas. A participação, a formação política, a consciência coletiva, a formação de lideranças deixaram de ser elementos essenciais nos movimentos, como se a classe trabalhadora tivesse alcançado toda a sua plenitude, e foi neste ponto que houve o equívoco, pois diante do contexto que estamos vivenciando, vemos nossos direitos “escorrendo entre os dedos”.

Por fim, as falas que decorreram na mesa temática foram oportunas ao se articularem e proporcionarem momentos de diálogo e reflexão e apresentando a participação e o protagonismo como luta e conquistas e não como algo dado ou institucionalizado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GOHN, Maria da Gloria. SER social, Brasília, v.15, n. 33, p261-384, jul. / dez. 2013

GOHN, Maria da Gloria. Novas Teorias dos Movimentos Sociais. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.